

Literatura Modernista

1. (UFRJ) **escapulário**

No Pão de Açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada Dia

(in: "Poesias reunidas". 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 75)

Nota:

ESCAPULÁRIO: objeto de devoção formado por dois quadrados de pano bento, com orações ou uma relíquia, que os devotos trazem ao pescoço.

A crítica literária considera que a poesia de Oswald de Andrade apresenta duas vertentes: uma 'destrutiva' e uma 'construtiva'. Explique de que modo esses dois traços aparecem na intertextualidade realizada por Oswald no poema.

2. (PUC- Campinas)

Sentimental

Ponho-me a escrever teu nome
com letras de macarrão.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
e debruçados na mesa todos contemplam
esse romântico trabalho.
Desgraçadamente falta uma letra,
uma letra somente
para acabar teu nome!
– Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!
Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências um cartaz
[amarelo:
Neste país é proibido sonhar.

(Carlos Drummond de Andrade)

Este poema é caracteristicamente modernista porque nele:

- a) a uniformidade dos versos reforça a simplicidade dos sentimentos experimentados pelo poeta.
- b) tematiza-se o ato de sonhar, valorizando-se o modo de composição da linguagem surrealista.
- c) satiriza-se o estilo da poesia romântica, defendendo os padrões da poesia clássica.
- d) a linguagem coloquial dos versos livres apresenta com humor o lirismo encarnado na cena cotidiana.

e) o dia-a-dia surge como novo palco das sensações poéticas, sem imprimir alteração profunda na linguagem lírica.

3. (FUVEST) O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

(Graciliano Ramos. *Vidas secas*.)

A escassez da linguagem verbal é um dos traços mais marcantes dos sertanejos de *Vidas secas*. Em vários episódios do livro examinam-se os efeitos dessa carência na vida das personagens. Que resultado dessa carência aparece no trecho acima?

4. (PUC-Campinas)

E desse modo ele se doeu no enxergão, muitos meses, porque os ossos tomavam tempo para se ajuntar, e a fratura exposta criara bicheira. Mas os pretos cuidavam muito dele, não arrefecendo na dedicação.

– Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!...

Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.

– Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!

– Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...

E por aí afora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvencido torpor.

Liga-se a este trecho de Guimarães Rosa a seguinte afirmação:

a) É um exemplo de crise da fala narrativa, dissolvendo-se a história num estilo indagador e metafísico.

b) É uma arte marcada pelo grotesco, pela deformação, que coloca em cena tipos humanos refinadamente exóticos.

c) O autor recolheu lendas de interesse folclórico, que sabe recontar de modo documental, isento e objetivo.

d) Um universo rude e um plano místico se cruzam com frequência em sua obra, fundindo-se um no outro.

e) A miséria arrasta as personagens para a desesperança, revelando-se ainda na pobreza de sua expressão verbal.

5. (FUVEST) Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve urna inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício. Ela quis mais porque é mesmo uma verdade que quando se dá a mão, essa gentinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum, pois não é?

(Clarice Lispector, *A hora da estrela*)

O trecho em destaque no excerto acima apresenta, como recurso estilístico, o emprego irônico:

- a) da metalinguagem, para desmistificar o caráter ficcional da narrativa.
- b) do clichê, para revelar a distinção entre linguagem culta e linguagem popular.
- c) dos diminutivos, para satirizar a passividade das classes populares.
- d) da frase feita, para criticar o preconceito antipopular.
- e) da metalinguagem, para criar distanciamento crítico entre o narrador e a personagem.

Gabarito

1. Os dois traços aparecem na paródia do discurso religioso. A vertente 'destrutiva' pode ser observada na desconstrução do "Pai Nosso"; a 'construtiva' fica evidente na reconstrução poética dessa prece, acrescentando-lhe novos elementos, que garantem a dimensão estética do poema.
2. D
3. Os meninos mostram-se admirados quanto ao fato de algumas pessoas conseguirem guardar tantos nomes diferentes para tantas coisas que existem e assustados porque as coisas sem nome mostram-se a eles como misteriosas e, por isso, intocáveis.
4. D
5. D